

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT08.016

ACESSO À ESCOLA E LETRAMENTOS NA EDUCAÇÃO DE ESTUDANTES SURDOS EM VÁRZEA QUEIMADA - PIAUÍ

Nádia Fernanda Martins de Araújo¹

Terezinha Cristina da Costa Rocha²

Francisca Izabel Pereira Maciel³

RESUMO

Neste estudo, realizamos uma análise do acesso de estudantes surdos à escola e às práticas de letramentos na comunidade Várzea Queimada, no Piauí. Nessa comunidade, as pessoas surdas utilizam três línguas: a Cena, língua de sinais nativa do povoado; a Libras, língua de sinais brasileira reconhecida legalmente; e a Língua Portuguesa na modalidade escrita. A questão norteadora deste trabalho foi compreender como se constitui o acesso à escola e quais práticas de letramentos ocorrem na sala de aula com a participação dos surdos. Para isso, a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira, realizamos uma análise bibliográfica de estudos desenvolvidos na comunidade, buscando em plataformas científicas, como o Portal de Teses e Dissertações da CAPES e revistas científicas/periódicos. Na segunda etapa, realizamos observações na escola, utilizando a etnografia como lógica de investigação. Quanto aos resultados, os trabalhos identificados mostraram aspectos históricos sobre a comunidade de Várzea Queimada e questões relacionadas ao acesso à escola para os surdos adultos, por meio da EJA em uma turma multisseriada. A observação participante em sala de aula permitiu conhecer as dinâmicas das aulas, que eram voltadas para o ensino de Libras, de Português e

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, nadiaaraujo1@hotmail.com;

2 Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, tcrocha@ufmg.br;

3 Professora Titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, franciscamaciel@ufmg.br.

de Matemática, por meio de atividades impressas e práticas de diálogos. O estudo possibilita indicar, ainda, a pluralidade da comunidade surda brasileira e a demanda de se pensar em políticas educacionais específicas para esse público.

Palavras-chave: Estudantes Surdos, Educação, Língua de Sinais, Várzea Queimada.

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo, analisamos o acesso de estudantes surdos à escola e às práticas de letramentos em sala de aula, tomando como base uma escola localizada na comunidade de Várzea Queimada, no estado do Piauí (PI). Esta comunidade se destaca por uma peculiaridade linguística: os indivíduos surdos utilizam três línguas, sendo a Cena, uma língua de sinais nativa; a Libras, língua brasileira de sinais reconhecida oficialmente e que foi introduzida por visitantes; e a Língua Portuguesa em sua modalidade escrita. Ao investigar esse contexto, procuramos compreender como se configuram as interações escolares e as práticas de letramentos *com* e *para* os estudantes surdos da comunidade.

O estudo realizado se insere no campo de compreensão da educação voltada para minorias sociais, para que se possa pensar em políticas e práticas que contemplem as especificidades linguísticas e culturais dessas comunidades, como, neste estudo, das comunidades surdas no Brasil. As práticas de letramentos em contextos escolares, especialmente em comunidades isoladas como Várzea Queimada, demandam um olhar atento para a pluralidade linguística e as barreiras enfrentadas pelos surdos no acesso à educação formal.

As especificidades linguísticas dos estudantes surdos envolvem a compreensão de que, para que eles participem de práticas de letramentos, devem ser considerados o seu bilinguismo ou multilinguismo e que a língua escrita será aprendida de forma diferenciada dos estudantes ouvintes. Segundo Rocha, Cunha e Souza (2024, p. 3), enquanto para os estudantes “ouvintes os processos de alfabetização estão geralmente voltados para um aprendizado referente à modalidade escrita de sua própria língua materna, para os surdos esses mesmos processos acontecem no aprendizado de uma segunda língua”. No contexto de Várzea Queimada, temos um cenário ainda mais específico, pois os estudantes surdos interagem na escola por meio de duas línguas sinalizadas - a Cena entre eles e a Libras, que é usada pelo professor - e enfrentam o desafio adicional de aprender e produzir na língua portuguesa escrita.

A comunidade de Várzea Queimada faz parte do distrito da cidade de Jaicós, localizada no semiárido piauiense. Devido à alta incidência de nascimentos de pessoas surdas e por ter sido um local que, durante muitos anos, permaneceu isolado, os surdos desenvolveram sua própria língua de sinais. Além da Cena, os surdos e ouvintes utilizam a Libras e a Língua Portuguesa na modalidade escrita em seus processos de comunicação e de convivência. Nos últimos

dez anos, a comunidade tem sido um foco de interesse de alguns pesquisadores, que buscaram estudar a língua de sinais Cena. Integrando esse conjunto de trabalhos, este estudo foi desenvolvido na única sala de aula da escola da comunidade em que há alunos surdos, uma turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que é multisseriada.

O objetivo deste estudo foi investigar como os estudantes surdos têm acesso à escolarização, às práticas de letramentos e como ocorrem as interações nos processos de ensino-aprendizagem em sala de aula. A pesquisa foi guiada pela seguinte pergunta: como se constitui o acesso à escola e quais práticas de letramentos ocorrem na sala de aula em que estudantes surdos participam?

Em busca de compreender essa questão, realizamos uma pesquisa na qual utilizamos a etnografia como lógica de investigação (Green, Dixon e Zaharlick, 2005), organizada em duas etapas: na primeira, realizamos uma análise bibliográfica de estudos sobre a comunidade, buscando em plataformas científicas, como o Portal de Teses e Dissertações da CAPES e revistas científicas/periódicos; e, na segunda etapa, realizamos observação participante na escola e em sala de aula.

A fundamentação teórica da pesquisa teve como base os Novos Estudos dos Letramentos (Street, 1984, 2014; Gee, 1996; Barton e Hamilton, 1998), compreendendo os letramentos como práticas sociais, contextualizadas e multifacetadas. Além disso, tomamos como base estudos voltados para a educação de pessoas surdas e sua participação em práticas de letramentos (Silva e Quadros, 2019; Papen e Tusting, 2019; Rocha, Cunha e Souza, 2024). Esses referenciais teóricos guiaram as análises, permitindo a realização de uma análise contrastiva dos dados coletados.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

Para a realização deste estudo, conforme explicitado anteriormente, tomamos a etnografia como lógica de investigação (Green, Dixon e Zaharlick, 2005). As autoras, ao compreenderem a etnografia como uma lógica de investigação, destacam as possibilidades dessa abordagem em estudos voltados para a compreensão de contextos educacionais e culturais. Essa lógica é definida pelas autoras como um processo investigativo que visa compreender as interações sociais, práticas e significados atribuídos pelos participantes em um determi-

nado contexto, buscando captar as perspectivas internas dos indivíduos em suas práticas diárias.

Orientadas por essa perspectiva, neste estudo realizamos a coleta e o registro dos dados em duas etapas: a primeira consistiu na busca de referenciais teóricos para a elaboração de um estado da arte sobre estudos já realizados na comunidade de Várzea Queimada; a segunda foi feita por meio da imersão na comunidade de Várzea Queimada, por meio da observação participante, para compreendermos a participação dos surdos nas práticas de letramentos, principalmente na escola.

A pesquisa teórica foi realizada por meio de uma busca em plataformas de publicação e divulgação científica, tais como o Portal de Teses e Dissertações da CAPES, o Google Scholar e bases de dados de revistas científicas/periódicos, utilizando os seguintes descritores: “Cena”, “língua de sinais emergente” e “Várzea Queimada”. Assim, foram identificados cerca de 20 trabalhos, entre artigos e trabalhos de conclusão de cursos de pós-graduação *stricto sensu*.

Os estudos foram encontrados por meio da combinação de descritores e pesquisa em algumas plataformas acadêmico-científicas, como, por exemplo, periódicos, catálogos de teses e dissertações da CAPES e o Google Scholar. Os resultados retornaram dados que podem ser elencados da seguinte forma: 3 teses, 1 dissertação, 1 capítulo de livro, 3 livros, 1 monografia, 5 artigos de revista e 6 artigos publicados em eventos. Os trabalhos encontrados estavam centrados principalmente nas áreas de educação e linguística. A partir desses trabalhos, foi possível conhecer mais aspectos sobre Várzea Queimada, tais como interações culturais, educação e vida social. Esses dados contribuíram para que pudéssemos conhecer mais sobre a comunidade antes de iniciarmos as visitas mais sistematizadas para a pesquisa de campo.

Após a leitura e análise das produções acadêmicas encontradas, realizamos visitas orientadas pelo que Green e Bloome (1997) descrevem como um processo investigativo que estuda as práticas culturais de um determinado grupo social. O período de coleta de dados foi de 2022 a 2023, quando uma das pesquisadoras fez visitas sistematizadas, passando, em cada visita, alguns dias na comunidade, podendo vivenciar a vida familiar e social dos moradores, suas atividades laborais e, principalmente, a participação escolar dos moradores surdos.

Durante esse período, foram feitas dez viagens a Várzea Queimada, nas quais foi realizada *observação participante* (Spradley, 1980), participando de atividades da comunidade para aprender as práticas culturais. Os registros de

campo foram feitos por meio de notas de campo, coleta/fotografia de documentos, fotografias, filmagens e registros de outros artefatos que pudessem contribuir para o entendimento das interações realizadas (Spradley, 1979).

Este trabalho consiste em um recorte de uma pesquisa de doutorado que está em andamento, vinculada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. O projeto de pesquisa foi devidamente cadastrado no Comitê de Ética (COEP/UFMG) e aprovado através do parecer número 6.155.202 e CAEE número 68716523.9.0000.5149. A seguir, apresentamos os resultados do estudo realizado.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, apresentaremos os resultados organizados em duas partes: na primeira, apresentamos o histórico e aspectos sociais da comunidade a partir de dados identificados por meio da leitura dos textos encontrados na pesquisa teórica, de revisão bibliográfica; na segunda, apresentaremos dados da observação participante realizada na comunidade, principalmente na escola.

3.1 O QUE DIZEM AS PESQUISAS REALIZADAS EM VÁRZEA QUEIMADA

O estado da arte tornou possível identificar e conhecer as perspectivas relatadas em estudos realizados na comunidade de Várzea Queimada. Entre as pesquisas identificadas, optamos por selecionar aquelas que estivessem mais próximas do enfoque adotado em nossa pesquisa, ou seja, aquelas que, em algum momento, se relacionam com o campo da Educação e/ou da Linguagem. Com essa orientação, selecionamos oito estudos, apresentados na tabela a seguir:

Tabela 1. Trabalhos selecionados sobre Várzea Queimada (PI)

Ano	Autor (es)	Título	Área	Tipo de publicação
2013	PEREIRA, Everton Luís	“Fazendo cena na cidade dos mudos”: Surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí	Antropologia	Tese

Ano	Autor (es)	Título	Área	Tipo de publicação
2016	ROSENBAUM, Marcelo	A gente transforma. Várzea Queimada: espírito, matéria e inspiração	Arquitetura	Livro
2019	SILVA, Diná Souza de; QUADROS, Ronice Muller de	Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil	Linguística	Artigo/Revista
2020	ALMEIDA- SILVA, Anderson; NEVINS, Andrew Ira	Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil)	Linguística	Artigo/Revista
2021	FRANCO, Telma; FORTES-LUSTOSA, Ana Valeria Marques; ARAÚJO, Nádia Fernanda Martins de	Escolarização Do Surdo Plurilíngue De Várzea Queimada/PI (Concepção Dos Professores)	Educação	Artigo/Evento
2021	SILVA, Diná Souza da	Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós - PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre - CE)	Linguística	Tese
2023	FRANCO, Telma	O processo de inclusão social de surdos plurilíngues (cena/libras/português) no povoado Várzea Queimada/PI	Educação	Tese
2023	ALMEIDA- SILVA, Anderson e ARAÚJO, Nádia Fernanda Martins de et alli (org.)	CENA: Dicionário Visual da Língua de Sinais de Várzea Queimada: edição com Libras, Português e Inglês	Linguística	Livro

Fonte: elaborada pelas autoras.

Por meio dos trabalhos elencados na Tabela 1, foi possível compreender a origem da comunidade de Várzea Queimada. A respeito disso, Rosenbaum (2016, s/p) afirma que Várzea Queimada nasceu de apenas uma única família. Segundo o autor, apenas um vaqueiro, chamado João Raimundo Barbosa, saiu da Paraíba no começo do século XIX e, depois de anos cavalgando, chegou ao local em que um dia seria Várzea Queimada. Lá, conheceu Joana Carvalho, que era filha do Coronel Germano, dono das terras daquela região. João Barbosa e Joana Carvalho se casaram, e ambos foram os responsáveis pela origem da comunidade. Essa perspectiva apresentada pelo autor leva a crer que a comu-

nidade teve sua população oriunda de uma única família e que os moradores que habitam Várzea Queimada ainda carregam algum grau de parentesco, o que pode ser notado pelo compartilhamento do mesmo sobrenome em toda a comunidade: Barbosa ou Carvalho.

Atualmente, a comunidade conta com cerca de 1000 habitantes. No último dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022), o município de Jaicós, do qual Várzea é distrito, conta com aproximadamente 18 mil habitantes, sendo que mais da metade dessa população mora na zona rural, distribuída em sete povoados, dos quais Várzea Queimada é um deles.

Alguns dos textos apresentados na Tabela 1 indicaram dados sobre a possível origem da língua de sinais Cena. A Cena é elencada como uma das 19 línguas de sinais emergentes já catalogadas em pesquisas acadêmicas no Brasil e a única identificada no Piauí. Os estudos de Silva e Quadros (2019) e Silva (2021) mostram resultados de buscas por pesquisas acadêmicas que abordassem línguas de sinais de comunidades isoladas. Ao discutir a respeito desse grupo de trabalhos, Silva (2021, p. 90) afirma que:

Em contextos de LSEs [línguas de sinais emergentes⁴], a maioria destes códigos surge da interação espontânea dos surdos com os gestos utilizados pelos seus familiares ouvintes, ou seja, provavelmente estas LSEs surgem como sinais caseiros, por isso, em todas essas comunidades com LSEs, a língua de sinais é utilizada não só pelos surdos, mas é também compartilhada com os ouvintes.

As pesquisas de Pereira (2013); Almeida-Silva e Nevins (2020) e Almeida-Silva, Araújo et al. (2023) nos mostraram que a Cena provavelmente surgiu a partir da interação dos moradores surdos entre si e com seus familiares mais próximos, mas que logo a então “comunicação gestual” se estendeu para os demais moradores da comunidade, a ponto de todos os moradores surdos e ouvintes de Várzea Queimada conseguirem se comunicar em algum nível de fluência por meio dessa língua. Os trabalhos de Pereira (2013) e Rosenbaum (2016) expõem que os moradores surdos da comunidade conseguem conversar com qualquer pessoa, comprar, vender, trabalhar ou ter momentos de lazer em companhia dos ouvintes sem haver a necessidade de uma interpretação local, ou seja, a intervenção de algum familiar mais próximo.

4 LSE: se refere a língua de sinais relativamente jovens, que geralmente são oriundas de pequenas comunidades em que existiu um alto índice de surdez (Meir et al. 2010).

A presença de surdos na comunidade começou a partir da década de 1930, com o nascimento do primeiro surdo, conhecido pelo nome de Pedro Cícero (FRANCO, 2023), mas não há informações mais precisas de como era a comunicação dele com seus familiares. Ainda jovem, Pedro Cícero foi embora de Várzea Queimada. Anos mais tarde, na década de 1950, nasceu a segunda surda, Lídia, e posteriormente, entre as décadas de 1970 e 1990, ocorreu um maior crescimento de nascimentos de surdos, cerca de 25 pessoas, consequência de uma prática comum na época que eram os casamentos consanguíneos entre os habitantes. Dessa forma, acreditamos que, a partir desse crescimento populacional, a Cena começou a se consolidar na comunidade como um sistema linguístico usado por seus moradores. Atualmente, a Cena é utilizada por uma terceira geração de pessoas surdas.

Ainda na consulta das obras elencadas na Tabela, a respeito da comunidade, o trabalho de Pereira (2013) mostrou que, durante muitos anos, Várzea Queimada se caracterizou como uma comunidade isolada, o que pode ter contribuído para a consolidação da Cena, pois a população surda não teve contato com outras línguas de sinais. Não havia uma estrada asfaltada ou pavimentada que possibilitasse o deslocamento para cidades mais próximas e existia ainda certa dificuldade no deslocamento para Jaicós, que fica cerca de 33 km de distância da comunidade. A mobilidade ocorria por carroça ou carro de lotação que passava algumas vezes no mês. O mesmo autor (*ibid.* 2013, p. 59) descreveu que, no período de sua pesquisa, havia um “[...] trecho não asfaltado, em uma pequena estrada de areia por entre morros, cajueiros e roças”, são os 7 km que ligam a comunidade à BR-407.

Imagem 01 - Distância entre Jaicós e Várzea Queimada



Fonte: Google Maps (2024)

Segundo Franco (2023), o precário acesso à comunidade de Várzea Queimada dificultou o acesso a serviços públicos essenciais, como luz, saneamento básico, assistência à saúde, e direitos sociais. Essas mudanças sociais e disponibilização de serviços para a população somente se consolidaram na segunda década do século XXI, com a construção da estrada com capeamento asfáltico, o que facilitou o acesso e o deslocamento de moradores para outras cidades e, também, a chegada de projetos como o “A Gente Transforma” (AGT⁵), a construção de Unidade básica de Saúde (UBS), a reforma de escola e outros serviços.

Ainda na primeira década dos anos 2000, a comunidade começou a ser assistida por algumas instituições religiosas que prestaram alguns serviços educacionais, como, por exemplo, a inserção da Libras na comunidade. Identificamos que isso aconteceu por meio da igreja católica, que desenvolveu um trabalho de evangelização e ensino da Libras, por meio do Instituto Santa Terezinha (IST), oriundo da cidade de São Paulo, que ofertou na comunidade cursos de Libras ministrados por duas freiras.

Conforme Pereira (2013, p. 322), foi por “intermédio da diocese de Picos que o Instituto teve acesso a Várzea Queimada e acabou montando um projeto para ser desenvolvido no vilarejo”. Havia a intenção de tornar os surdos fluentes em Libras para ampliar a comunicação com outros surdos ou ouvintes sinalizantes da mesma língua de sinais, mas o que de fato aconteceu foi que foram poucas as pessoas surdas da comunidade que aprenderam Libras, havia certa resistência em substituir os sinais da Cena pelos da Libras. Segundo Almeida-Silva e Nevins (2020), esse projeto pode ter criado nos moradores a ideia de que a língua de sinais nativa era feia e sem prestígio, o que reforçou entre eles a importância de se aprender a língua de sinais que era legalmente reconhecida.

Essa perspectiva foi adotada principalmente pelos surdos mais jovens da época, que optaram por mudar seu sinal-nome para letras do alfabeto manual correspondentes à escrita do seu nome em português. Sobre isso, Franco (2023) e Almeida-Silva; Araújo et al. (2023), apontam que, durante suas pesquisas de campo, notaram que os surdos tinham a tendência de usar todo o vocabulário aprendido em Libras para se comunicarem, mostrando que sabiam utilizar a lín-

5 Instituto que incentiva práticas culturais e tradicionais de comunidades, como o artesanato, proporcionando a geração de renda aos moradores de forma sustentável. Em Várzea Queimada, foi desenvolvido design de peças da fibra da carnaúba e borracha, o que mais tarde possibilitou a criação da Associação das Mulheres de Várzea Queimada (AMVQ) em 2011.

gua de sinais “de prestígio”. Após um período de permanência no povoado, os surdos se acostumavam com os pesquisadores e passavam a utilizar a Cena.

Além do contato com Libras por meio do trabalho das freiras, os surdos também aprendiam a língua de sinais através da escola. Devido à grande maioria deles ser adulta e trabalhar durante o dia, desde meados de 2010-2011, existe uma classe multisseriada de EJA, na qual os alunos aprendem principalmente Libras, Português e Matemática.

Finalizando a contextualização sobre a comunidade, por meio da leitura e análise das pesquisas selecionadas, voltamo-nos para a questão orientadora deste trabalho - sobre como os estudantes surdos ingressam na escolarização e participam das práticas de letramentos – que será explorada a seguir.

3.2 AS NOSSAS OBSERVAÇÕES EM VÂRZEA QUEIMADA

Durante as visitas realizadas, antes de adentrar propriamente dito na escola, foi possível observar a comunidade de maneira geral e identificar como a população se organiza.

Em relação ao trabalho, por exemplo, grande parte dos moradores da comunidade trabalha na agricultura de subsistência, no artesanato feito com borracha e no artesanato feito com fibras da carnaúba, que é uma árvore muito comum na região. O artesanato com a carnaúba é uma atividade exercida principalmente pelas mulheres, com ativa participação de parte das mulheres surdas. Além dessa fonte de renda, parte dos moradores recebem aposentadoria ou algum benefício do governo, a exemplo do Benefício de Prestação Continuada (BPC), estabelecido por meio da Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS), incluindo alguns dos surdos. O BPC prevê a garantia de um salário-mínimo por mês ao idoso, com idade igual ou superior a 65 anos, ou à pessoa com deficiência de qualquer idade que atenda aos critérios estabelecidos.

Em relação à educação escolar, a comunidade conta com duas instituições de ensino: uma creche, chamada de Anexo Manoel Barbosa, para atender às crianças durante o turno da manhã; e uma escola, a Escola Municipal Manoel Barbosa, que durante o dia oferece o ensino fundamental anos iniciais e anos finais, e durante a noite funciona o ensino médio. Na mesma escola, durante o período noturno, é ofertada uma turma multisseriada, frequentada por uma parte dos surdos residentes em Várzea Queimada. Essa turma, que é da EJA, foi criada especificamente para os alunos surdos e funciona desde meados de 2010, com

a contratação de professores de AEE através de processo seletivo. De acordo com Franco (2023), houve, durante um longo período, dificuldades na permanência desses profissionais na escola, visto que geralmente eram professores moradores de Picos, que fica cerca de 80 km da comunidade, o que dificultava o deslocamento devido à distância e transporte, assim como o alto custo para se manterem no trabalho. Recentemente, em 2022, a secretaria municipal de educação lotou um professor efetivo para essa classe que, até a conclusão deste estudo, permanecia no cargo.

Contrastando nossas observações com o referencial teórico encontrado, Franco (2023) resalta que, na infância, as crianças surdas frequentaram a escola no espaço em que hoje funciona a principal instituição de ensino da comunidade, a escola Manoel Barbosa. Contudo, segundo a autora, essas crianças não permaneceram devido a questões como: estrutura financeira, falta de acessibilidade linguística, *bullying*, necessidade de trabalhar para ajudar a família, ausência de formação dos professores e concepções sobre a relevância da escola na vida. Ainda segundo a autora, parece que o que realmente ficou registrado nas memórias desses surdos foi o isolamento e o posterior abandono da escola, por não conseguirem compreender o que acontecia em sala de aula, devido à ausência da língua nativa” (FRANCO, 2023, p. 159).

Conhecer e entender a relação dos surdos com a escola foi um aspecto prioritário durante a permanência na comunidade, considerando nosso objetivo. Dessa forma, quando iniciamos nossa investigação, também nos atentamos a observar as práticas de letramentos, os usos das línguas e se a língua escrita faz parte da rotina dos surdos na comunidade, além da escola.

No primeiro contato com os moradores surdos, notamos que a maioria tinha pouca fluência na Libras, e havia prevalência na comunicação em Cena e, em alguns momentos, com a chegada de algum visitante surdo ou ouvinte que soubesse Libras, havia um esforço para utilizar vocabulário das duas línguas de sinais. Essa prática era mais comum entre os surdos mais jovens, que misturavam sinais da Cena e da Libras. Apenas para exemplificar, apresentamos um fragmento das transcrições de uma conversa com um dos moradores surdos em uma das visitas realizadas. A transcrição baseou-se no sistema de Rocha (2021). O trecho sem marcação consiste em falas ditas na língua Cena, já as que estão marcadas em *itálico* consistem em palavras ditas em Libras pelo sinalizante:

Participante Surdo: Eu digo que sou surd@ e a mamãe (++) mamãe me ajuda lá, as vezes ela viaja comigo. Eu vou e volto sozinh@ sempre.

Pesquisadora: Você não compra nada aqui?

Participante Surdo: Em Jaicós, sim! Em Várzea Queimada é muito cara a comida. Lá em Jaicós pago pouco.

Fonte: Dados de pesquisa

O excerto transcrito acima nos mostra o uso concomitante das duas línguas de sinais e nos dá pistas de uma possível complexidade nos processos de escolarização. Não há aqui a pretensão de tecer uma discussão sintática sobre a estrutura da Cena, já que não é o objetivo maior deste trabalho. O intuito foi apenas ilustrar as construções realizadas pelos moradores surdos e um dos possíveis efeitos dos cursos de Libras, ocorridos há quase 15 anos, com a intervenção das freiras, em que constatamos a incorporação de sinais da Libras no vocabulário de alguns dos surdos da comunidade. Esse fenômeno se tornou mais visível ao acompanharmos as aulas da turma de surdos da comunidade na EJA.

A respeito da turma de EJA multisseriada para estudantes surdos, desde sua criação, segundo gestores da escola, os professores eram celetistas e desconheciam a língua de sinais Cena. Dessa forma, a língua de sinais utilizada e ensinada era a Libras para o ensino de Português escrito e de Matemática. Essa abordagem continuou a ser adotada, mesmo com a lotação de um professor efetivo.

Nas aulas observadas, vimos que não havia a presença de intérprete Cena-Libras, e a comunicação entre professor e alunos era feita apenas e diretamente em Libras, além da escrita em Português. Mesmo com o trabalho docente voltado para o ensino da Libras, a língua utilizada entre os alunos era a Cena. Dessa forma, no ambiente de sala de aula, as duas línguas de sinais estavam presentes, mas notamos que, em muitos momentos, havia incompreensão na interação entre alunos e professor, principalmente entre os estudantes surdos mais velhos. Houve momentos da observação em que os alunos surdos que tinham mais fluência em Libras intervinham em alguns diálogos entre o professor e algum outro aluno surdo, o que ocorria quando notavam, por exemplo, incompreensão no que era requerido nas atividades impressas ou nas questões escritas no quadro.

Almeida-Silva e Nevins (2020) apresentam em sua pesquisa a relação dos surdos mais velhos com a Libras. Os autores perceberam que alguns surdos tinham resistência em aprender “novos sinais” e preferiam se comunicar apenas em Cena. Com isso, era necessária a presença de algum familiar ouvinte ou

surdo sinalizante da Libras para estabelecer comunicação entre os surdos e os pesquisadores.

Durante a permanência na escola, identificamos, nas aulas assistidas, que o trabalho desenvolvido em sala de aula é cooperativo; os estudantes surdos contribuem ativamente uns com os outros na resolução de atividades, os mais jovens ajudando os mais idosos. A intervenção do professor era individual e prioritária para os alunos mais velhos, que apresentavam maior dificuldade em sinalizar em Libras e escrever em Português. Notamos que o livro didático não é utilizado na turma dos estudantes surdos; o material trabalhado nas aulas consistia em atividades impressas trazidas pelo professor e que eram respondidas coletivamente. Além disso, havia também atividades escritas no quadro e anotadas nos cadernos pelos surdos.

Observando a interação dos alunos e as suas produções, notamos que a maioria deles não estava completamente alfabetizada. Em termos de escrita, eles sabiam apenas escrever o próprio nome e reproduzir no papel o que estava disposto no quadro. Contudo, alguns estudantes mais velhos enfrentavam desafios para reconhecer a diferença entre letra de forma e letra cursiva, como também para diferenciar a escrita de algumas letras como P e B, T e F. Perguntando ao professor, não obtivemos respostas claras que justificassem essa dificuldade e, pelas observações, consideramos que talvez pudesse estar relacionado à perda de visão ou à precária iluminação da sala. Era recorrente os alunos se levantarem e se dirigirem à frente para perguntar ao professor se a palavra estava escrita corretamente, ou então verificar o caderno do colega ao lado e perguntar, através da datilologia utilizando o alfabeto manual, com qual letra começava determinada palavra.

Durante as aulas observadas, vimos que as atividades impressas eram focadas no uso do alfabeto manual e também se concentravam na memorização de léxicos da Libras e do Português. Nas atividades havia recursos visuais, como imagens e desenhos dos sinais e do objeto. Os temas das atividades durante o período observado foram: cores, números, saudações (cumprimentos) e animais. Além disso, o professor disponibilizava jogos, como dominó e bingo em Libras, para estimular a memorização dos sinais também relacionados aos mesmos grupos semânticos estudados.

Um outro aspecto identificado se refere à frequência dos alunos. Durante a pesquisa, observamos 26 horas/aula distribuídas em 13 dias letivos no ano de 2023 e, nesse período, constatamos a participação irregular dos homens surdos

da turma. Enquanto as mulheres estiveram presentes em todos os encontros, os homens participaram apenas da metade dos encontros. Isso pode ter impactado na progressão dos conteúdos, visto que o professor costumava retomar o que foi visto na aula anterior, e essa revisão ocupava quase todo o turno de aula.

Dentre as justificativas para as faltas e a evasão, encontramos relatos sobre a necessidade de auxiliar no sustento da família e, também, a dificuldade de comunicação e compreensão dos assuntos trabalhados em sala. Franco (2023), ao analisar a evasão dos alunos surdos na comunidade quando eram jovens, enfatizou em seu estudo o preconceito vivido pelos estudantes surdos, principalmente por não entenderem o que o professor queria dizer e por não serem respeitados por seus colegas de turma. A autora apresenta, em entrevista com um dos surdos, elementos dessa vivência: “Então, com 11 anos, eu parei de estudar, porque a maioria era ouvinte e eu não entendia o que se dizia na sala. Porque era muito ruim, era só com muitos ouvintes, todo mundo falando” (FRANCO, 2023, p. 177).

Esse fenômeno não foi algo restrito apenas à comunidade de Várzea Queimada. Pesquisas sobre a educação de estudantes surdos mostram os desafios enfrentados por eles durante sua escolarização, relacionados a aspectos como a língua e abordagens metodológicas no ensino que não consideram as especificidades dos alunos surdos (MOURA, 2000; ROCHA, CUNHA e SOUZA, 2024).

As narrativas apresentadas na pesquisa de Franco (2023) também foram observadas no nosso estudo no que diz respeito ao contexto social dos homens surdos que frequentam a classe da EJA. Ou seja, os desafios na comunicação com o professor e a carga laboral foram justificativas apresentadas pelos alunos para a pouca participação nas aulas. Assim, o ambiente multilíngue – envolvendo a Cena, a Libras e o Português – não pareceu ter se constituído como dinâmico e atrativo para a permanência desses estudantes na escola.

Fora do ambiente de sala de aula, observamos se a escrita em português também estava presente em outros contextos sociais dos quais os estudantes surdos participavam. E, nessa perspectiva, notamos que as pessoas surdas mais jovens costumam usar redes sociais para se comunicarem e também para divulgar a venda de produtos orgânicos dos roçados de suas famílias ou roupas e adereços. Assim, esses jovens utilizavam a escrita nas redes sociais para descrever os produtos que estavam vendendo e, ainda, para descrever suas rotinas ou contar sobre outras atividades que aconteciam em Várzea Queimada. Assim, a

participação dos moradores surdos em práticas de letramentos se tornava parte da rotina por meio das redes sociais.

Os dados identificados neste estudo nos mostram que ainda há muito a ser estudado e discutido no que diz respeito à educação de surdos em regiões que utilizam outras línguas de sinais e na construção de políticas públicas que apoiem a escolarização por meio do uso de línguas de sinais nessas comunidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, desenvolvido com o intuito de compreender a educação de surdos na comunidade de Várzea Queimada, revelou um cenário educacional diverso e, ao mesmo tempo, distinto das práticas escolares mais comuns quando comparadas aos contextos predominantes no Brasil.

Esta pesquisa possibilitou compreender nuances da comunidade de Várzea Queimada, tanto em termos de seu contexto social quanto de como ele se reflete no processo de escolarização e no ensino-aprendizagem dos estudantes surdos. Destacaram-se aspectos como a posição que a Libras ocupa, a comunicação entre surdos e ouvintes na língua de sinais Cena, a representação da surdez para os familiares dos surdos, as influências externas na educação dos surdos e certa resistência ao uso da Cena.

Os resultados permitiram compreender um pouco mais sobre as relações sociais na comunidade, especialmente em relação às atividades laborais e à participação das pessoas surdas nos processos de escolarização. Durante a permanência em sala de aula, identificamos que surdos de idades distintas estudam juntos em uma turma multisseriada, onde se utilizam as línguas Cena, Libras e o Português na modalidade escrita. Esse ambiente multilíngue escolar evidencia a pluralidade linguística existente no Brasil e ressalta a importância de discutir e criar políticas educacionais que contemplem as especificidades linguísticas, identidades e culturas locais.

Por fim, ressaltamos que ainda há muito a ser explorado sobre os processos de educação de surdos no Brasil. Este estudo mostra o quão diversa e plural é a comunidade surda. O contexto educacional e social identificado em Várzea Queimada pode contribuir para a construção de políticas públicas educacionais que valorizem cada vez mais a diversidade e incluam as pessoas surdas em diferentes contextos sociais e linguísticos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA-SILVA, A.; NEVINS, A. I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a língua de sinais emergente da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029-1053, out.-dez. 2020.

ALMEIDA-SILVA, A.; ARAÚJO, N. F. M. *et alli.* (orgs.). **CENA**: Dicionário Visual da Língua de Sinais de Várzea Queimada: edição com libras, português e inglês. Teresina: CCOM, Governo do Estado do Piauí, 2023.

BARTON, D.; HAMILTON, M. **Local Literacies**: Reading and Writing in One Community. London; New York, NY: Routledge, 1998.

FRANCO, T; FORTES-LUSTOSA, A. V. M; ARAÚJO, N. F. M. Escolarização Do Surdo Plurilíngue De Várzea Queimada/PI (Concepção Dos Professores). **Anais do 9º Congresso Brasileiro de Educação Especial CBEE e 9º Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial**. 2021.

FRANCO, T. **O processo de inclusão social de surdos plurilíngues (cena/ libras/português) no povoado Várzea Queimada/PI**. Tese De Doutorado. Programa de pós-graduação em educação. Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal do Piauí, 2023.

GEE, J. P. Literacy Crisis and the Significance of Literacy. In: GEE, J. P. (ed.). **Social Linguistics and Literacies: Ideology in Discourses**. 2. ed. London: Taylor & Francis, 1996. p. 31-49.

GREEN, J. L.; DIXON, C. N.; ZAHARLICK, A. A etnografia como uma lógica de investigação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.42 dez., p.13-79, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Jaicós. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/jaicos/panorama>. Acesso: 29 de ago. 2023.

MOURA, M. C. Cap. 2 Algumas considerações sobre a surdez e o indivíduo Surdo numa perspectiva histórica. IN:MOURA, Maria Cecília de. **O Surdo**: caminhos para uma nova identidade. Revinter: Rio de Janeiro, 2000, pp. 15-98.

PEREIRA, E. L. **"Fazendo cena na cidade dos mudos"**: surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no sertão do Piauí. Tese de Doutorado. Centro

de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social Universidade Federal de Santa Catarina- Florianópolis, SC, 2013.

PAPEN, U. TUSTING, K. Using ethnography and ‘real literacies’ to develop a curriculum for English literacy teaching for young deaf adults in India, **Compare: A Journal of Comparative and International Education**, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/03057925.2019.1585756>

ROCHA, T. C. C.; CUNHA, L. S.; SOUZA, M. J. A. F. A alfabetização de estudantes Surdos através da Libras. **Olhares & Trilhas**, v. 26, n. 2, p. 1–27, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14393/OT2024v26.n.2.73762>

ROSENBAUM, M. **A gente transforma. Várzea Queimada: Espírito, Matéria e Inspiração**. Bradesco. Ministério da Cultura. São Paulo: 2016.

SILVA, D. S.. **Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas sinais no Brasil: o caso da Cena (Jaicós – PI) e da língua de Caiçara (Várzea Alegre – CE)**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2021.

SILVA, D. S. QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Braz. J. of Develop.**, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22111-22127 oct. 2019.

SPRADLEY, J. P. **The Ethnographic Interview**. Reissue edition ed. Long Grove, Illinois: Waveland Press, 1979.

SPRADLEY, J. P. **Participant Observation**. 1. ed. New York: Cengage Learning, 1980.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2014.

STREET, B. V. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge Cambridgeshire; New York: Cambridge University Press, 1984.